



## Correspondência entre José Lins do Rego e Alceu Amoroso Lima

### *Correspondence between José Lins do Rego and Alceu Amoroso Lima*

Leandro Garcia Rodrigues

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais/Brasil  
teorialeandro2@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-7316-890X>

**Resumo:** Toda correspondência apresenta um exercício dialógico de recebimento e envio de documentos: cartas, bilhetes, telegramas, fotografias, recortes e também outras realidades, como amizade, carinho, compromisso e relações. As cartas trocadas entre o crítico literário Alceu Amoroso Lima (o Tristão de Athayde) e o escritor José Lins do Rego não são em grande quantidade, porém apresentam uma das principais funções da epistolografia: o debate de ideias e o fomento de um verdadeiro laboratório de criação, no qual o romancista apresenta importantes questões críticas da sua produção literária, suas motivações e o impacto da mesma em sua vida pessoal e na vida literária brasileira como um todo, especialmente no nosso modernismo.

**Palavras-chave:** Alceu Amoroso Lima; José Lins do Rego; modernismo; Nordeste; crítica literária.

**Abstract:** All correspondence presents a dialogical exercise of receiving and sending documents: letters, tickets, telegrams, photographs, clippings and other realities, such as friendship, affection, commitment and relationships. The letters exchanged between the literary critic Alceu

Amoroso Lima (Tristão de Athayde) and the writer José Lins do Rego are not in great quantity, but they present one of the main functions of epistolography: the debate of ideas and the fostering of a true laboratory of creation, in which the novelist presents important critical issues of his literary production, its motivations and impact on his personal life and on Brazilian literary life as a whole, especially in our modernism.

**Keywords:** Alceu Amoroso Lima; José Lins do Rego; modernism; Northeast; literary criticism.

Há algumas décadas os estudos literários brasileiros têm tentado, nas mais diferentes perspectivas, consolidar a área dos estudos epistolográficos. Crítica textual, crítica genética, transcrição, arquivologia, história, (auto)biografismo são alguns dos saberes que se entrecruzam na investigação acerca de cartas e correspondências entre escritores.

Podemos dizer que cada correspondência possui um objetivo e uma natureza constitutiva, foi pensada e trocada com/para uma finalidade, quis ocupar um determinado espaço, cabendo ao pesquisador e, de forma particular, ao organizador de um epistolário, perceber e decifrar os meandros da troca missivista. Assim, amizades, intercâmbios, debates, criação etc. são alguns dos vários assuntos trocados entre remetente e destinatário, formando um sintomático vai e vem de documentos que, organizados e criticados sistematicamente, contribuem para uma maior compreensão da obra, do seu autor, do momento literário aquando da escrita e da própria literatura como um todo.

Neste sentido, a pequena e rápida correspondência trocada entre Alceu Amoroso Lima e José Lins do Rego é deveras interessante, pois – particularmente a carta escrita por Lins do Rego em 4 de fevereiro de 1935 – fornece um interessante ponto de vista crítico do escritor paraibano, que se desnuda e apresenta importantes detalhes do seu processo criativo. Infelizmente, José Lins do Rego não era muito afeito à escrita epistolar, não mantinha uma correspondência com o compromisso que este gênero requer, salvo em pouquíssimas exceções<sup>1</sup>.

Contrariamente, Alceu Amoroso Lima gostava de mandar e de receber cartas, que o diga o seu arquivo pessoal, atualmente salvaguardado

---

<sup>1</sup> A julgar pelo seu volume de correspondência enviada, a maior parcela epistolar de José Lins do Rego foi aquela enviada a Jorge de Lima, num total de 41 cartas.

no Centro Alceu Amoroso para a Liberdade (CAALL), em Petrópolis (RJ), que possui 32.450 cartas da sua parcela passiva!<sup>2</sup> Na verdade, Alceu levava a sério a sua epistolografia, considerando esta como parte indissociável da sua obra, uma prática ensaística necessária para melhor compreender o seu pensamento e o seu mister de crítico literário. Pode-se afirmar que Alceu mantinha uma verdadeira “liturgia epistolar”, a qual era parte indelével do seu dia a dia e da sua rotina pessoal: levantava muito cedo, iniciava a escrita de cartas, às 7h da manhã sempre se dirigia a uma igreja para assistir sua missa, retornava à casa e mais uma vez às cartas, seguindo até perto do meio dia. Respondia uma média de dez cartas diariamente, alcançando os mais diferentes destinatários e discutindo os mais díspares assuntos<sup>3</sup>.

Aqui, neste ensaio, opto por trazer a correspondência integral entre o crítico e o romancista, no sentido de manter o conjunto textual e nos possibilitar uma noção ampla do que conversaram através das suas cartas.

Do ponto de vista metodológico, as notas explicativas de rodapé foram escritas no sentido de enriquecer a compreensão geral desses documentos; bem como as notas descritivas, no início de cada missiva, as quais objetivam a fornecer noções técnicas em relação ao documento original e suas particularidades físicas e constitutivas. Também utilizei as fórmulas “JLR” (para José Lins do Rego) e “AAL” (para Alceu Amoroso Lima), no sentido de proporcionar uma rápida identificação, por parte do leitor, sobre quem se lê e a quem pertence o respectivo documento.

Outro aspecto a ser informado diz respeito a algumas palavras e/ou expressões sublinhadas nos textos das cartas: são todos dos respectivos missivistas. Optei em manter o sublinhado original por respeito ao documento e também pois este recurso visava, em geral, fortalecer e destacar um determinado ponto de vista do remetente, o qual era ressaltado com tal recurso.

E vamos às cartas...

---

<sup>2</sup> Deste imenso conjunto de cartas, organizei (de forma recíproca) e publiquei as suas correspondências com Mário de Andrade, Jorge de Lima, Carlos Drummond de Andrade, Frei Betto, Leonardo Boff e Paulo Francis. Sua correspondência com Murilo Mendes, também por mim organizada, encontra-se no prelo para publicação.

<sup>3</sup> Tal liturgia me foi confirmada pelos seus familiares em diferentes entrevistas e conversas informais.

[JLR – AAL]<sup>4</sup>

Meu caro Tristão de Athayde

Um forte abraço.

Mando-lhe umas notas que escrevi aqui abrindo uma série de crônicas sobre livros dos outros. Por que me obrigou a comprar a sua *Política*?<sup>5</sup> Pelo que vejo, estou esquecido do meu grande amigo.

Sei que você entrou outra vez na literatura. Qual a sua opinião sobre o *Menino de Engenho*?<sup>6</sup> Olívio Montenegro<sup>7</sup> escreveu sobre ele um admirável artigo<sup>8</sup>. Escrevi-o como se estivesse com a fé de um padre. Oscar Mendes<sup>9</sup> em Minas e o Padre Negromonte<sup>10</sup>

---

<sup>4</sup> Carta manuscrita em tinta preta, 1 folha branca, frente e verso, papel seda, 15 cm X 22 cm, sem data, porém a considero de 1932, quando *Menino de Engenho* foi publicado. Estado de conservação: bom. Assinatura: “José Lins do Rego”.

<sup>5</sup> *Política* foi publicado em 1932, pela Livraria Católica, do Rio de Janeiro.

<sup>6</sup> *Menino de Engenho* foi publicado em 1932, pela Andersen Editores.

<sup>7</sup> Olívio Montenegro (1896 – 1962) foi professor, crítico literário, jornalista e advogado formado pela Faculdade de Direito do Recife. Teve uma brilhante carreira no magistério, lecionando na Escola Normal de Pernambuco e no Ginásio Pernambucano, do qual também foi diretor por vários anos. Colaborou muito com o Centro Dom Vital do Rio, publicando regularmente na revista *A Ordem*, sob a direção de Alceu Amoroso Lima. Amigo pessoal de José Lins do Rego e de Jorge de Lima, acompanhou com interesse a produção literária desses escritores, refletindo criticamente sobre ambas as suas crônicas literárias.

<sup>8</sup> Infelizmente, a pesquisa não identificou qual seria este artigo escrito por Olívio Montenegro. Nos respectivos acervos – Museu José Lins do Rego (João Pessoa, PB) e Centro Alceu Amoroso Lima para a Liberdade (Petrópolis, RJ) – não encontrei nenhuma cópia e/ou recorte deste artigo de Montenegro. Nem mesmo no arquivo do Centro Dom Vital, no Rio de Janeiro, onde se encontra o acervo da revista *A Ordem*, encontrei qualquer menção a este texto.

<sup>9</sup> Oscar Mendes (1902-1983). Foi ensaísta, crítico literário, jornalista, tradutor e professor muito atuante no magistério mineiro, amigo de Carlos Drummond de Andrade no grupo de intelectuais da Rua Bahia, em Belo Horizonte. Foi responsável pela coluna “A Alma dos Livros” nos jornais *O Diário* (do qual também foi seu redator-chefe) e no *Estado de Minas*. Publicou *A Alma dos Livros* (1932), *José de Alencar, os romances urbanos* (1965), *José de Alencar, os romances indianistas* (1968), *Poetas de Minas* (1970) dentre outros títulos.

<sup>10</sup> O Pe. Álvaro Negromonte (1901 - 1964) nasceu no Engenho Gameleira (PE) e se formou pelo Seminário de Olinda. Suas primeiras funções foram como diretor do

me compreenderam. Vou continuá-lo com outro volume sobre a adolescência. Por que se dizer que escrevi um livro memorável quando tudo o que quis foi fixar a desgraça de uma infância amarga, à solta, sem Deus? Não posso ficar sem a sua opinião. Não sei, apesar de tudo, meu caro Tristão, se fiz mal em publicar o meu livro. Talvez que eu tenha excedido, mas fique certo que o escrevi como se me aliviasse de um peso no coração. É por isto que todos sentiram soltar um gosto de vida. Bem amarga, é verdade. Vou ver se consigo na segunda parte salvar aquele pobre menino da sua degradação.

Tem estado com o Jorge?<sup>11</sup> Depois que se cariocou o nosso Jorge, me trata de longe. A província é muito longe e as glórias da metrópole não são para se desprezar.

Admirador. Um abraço do

José Lins do Rego

[AAL – JLR]<sup>12</sup>

Rio, 22 de dezembro de 1933.

Meu caro José Lins do Rego

Recebi por ocasião do meu aniversário o seu bondoso telegrama de felicitações<sup>13</sup>.

E hoje venho, com um abraço afetuoso, trazer-lhe o meu agradecimento muito sincero.

---

Colégio Diocesano e Capelão do Colégio Santa Cristina, em Nazaré da Mata (PE). Em 1927, foi transferido para Minas Gerais e incorporado na Arquidiocese de Belo Horizonte, onde foi capelão do Hospital Carlos Chagas e professor de catequética no Seminário de Belo Horizonte. Também foi fundador e reitor do Instituto Católico de Cultura e vice-diretor arquidiocesano de ensino religioso. Em 1945, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde se inseriu na intelectualidade do Centro Dom Vital, aproximando-se de Alceu Amoroso Lima e outros pensadores católicos. Exerceu importante papel na crítica literária de orientação católica.

<sup>11</sup> Trata-se de Jorge de Lima, grande amigo de ambos, que recentemente deixara Maceió com destino definitivo ao Rio de Janeiro.

<sup>12</sup> Carta datiloscrita em tinta preta, cópia, 1 folha branca, formato ofício, 15 cm X 20 cm. Estado de conservação: bom. Sem assinatura, por ser cópia em carbono.

<sup>13</sup> Percebe-se claramente um vácuo, uma imensa lacuna nesta pequena correspondência, pois no arquivo de Lins do Rego não localizei a resposta de Alceu à primeira carta daquele; bem como no arquivo de Alceu não encontrei este telegrama aqui referido.

Sincero e amigo

[Alceu Amoroso Lima]

[JLR – AAL]<sup>14</sup>

Em 4-2-1935

Meu caro Tristão de Athayde

Um grande abraço. Li agora mesmo o seu artigo sobre *Moleque*<sup>15</sup> e fiquei ansioso para ler o romance de que tanto você falou. Terá você um exemplar que me passe às mãos? A referência que você fez a mim nas suas admiráveis notas não me pareceram justas. Posso até afirmar que não visei nos meus livros qualquer espécie de escândalo ou preocupação de fazer exposições espetaculosas. O que neles possa existir de pequeno decorre de mim e das contingências do meu temperamento marcado pelas paixões. Você há de ter notado que a humanidade que fixo não é uma humanidade de nível alto, mas com problemas de consciência a resolver, temas de uma civilização superior de certos romances franceses; mas a gente que só sabe sofrer e goza nas medidas de suas forças e fala na língua que Deus lhe deu. Escrever romances como os homens da *Bagaceira*<sup>16</sup> só se consegue assim, embora se chegue até a grosseria. Fazer o contrário seria abeirar-se do ridículo<sup>17</sup>. Teria coisa mais de encontro à vida que um senhor

---

<sup>14</sup> Carta manuscrita em tinta preta, 3 folhas brancas, papel seda, 18 cm X 24 cm. Estado de conservação: regular, pois há inúmeros borrões de tinta e palimpsestos que dificultaram sobremaneira a transcrição, daí o fato de várias palavras não terem sido transcritas. Assinatura: “José Lins do Rego”.

<sup>15</sup> *O Moleque Ricardo*, de autoria de José Lins do Rego, foi publicado em 1935, pela Livraria José Olympio e considerado o romance mais político e socialmente de denúncia deste autor. A pesquisa não localizou este texto crítico de Alceu, pois, infelizmente, no acervo deste crítico não se encontra a totalidade dos seus artigos publicados na imprensa do seu tempo. Muito de sua produção crítica de rodapé foi posteriormente compilada em algumas publicações, mas não todos os textos, o que provocou uma complicada elipse em relação à sua produção crítico-jornalística.

<sup>16</sup> Referência ao romance *A Bagaceira*, de José Américo de Almeida, publicado em 1928, pela Livraria Castilho e considerado o primeiro romance do ciclo nordestino (Romance de 30).

<sup>17</sup> Neste momento, o regionalismo literário – especialmente aquele de vertente nordestina – estava em pleno vapor na literatura brasileira, fazendo surgir determinadas obras que

de engenho cogitando da salvação de sua alma? Eles cogitam mais de suas sofras. Eles são todos como estão nos meus livros. E contê-los nas suas expressões seria mutilá-los. Há de convir você que o meio ambiente dos meus livros é um engenho! E para que eu fosse verdadeiro para comigo mesmo eu teria que me servir da linguagem e dos imbróglis dos homens de lá. Fugir dali seria mentir, dar tons rasos aonde a cor é mesmo crua. Pode ser que eu me tenha excedido, fique certo, porém que não fiz para chamar a atenção, fiz para manter-me fiel à vida. É verdade que esta fidelidade conhece os seus limites e que a arte não é um instrumento passivo. Ir de encontro à vida em um romance é o que não é possível. Se você algum dia tiver a oportunidade de reler os meus livros, verificará que não houve nenhuma submissão às contingências do nada. Escrevo-os com impulsos, sem cálculos, sem plano estabelecido, sem interesse algum de gratidão. Não lhe estou gabando: os meus filhos estão [em] apuros lhe dizendo que os seus defeitos e as suas feiúras são [...]<sup>18</sup> defeitos do pai. O interessante, meu caro Tristão, é que os mais exaltados leitores que tenho são fortemente a gente sem [...]<sup>19</sup>, o povo que vive nos engenhos. Você não pode calcular a satisfação que eu sinto ao ouvir desta gente confissões desta natureza: “o que está escrito no seu livro é mesmo de verdade”. Eles não se escandalizaram, não se sentiram em choque com os meus palavões porque tudo isto é o seu natural. Eles não acham obsceno. Lawrence defendendo

---

hoje estão entre os nossos clássicos. Ao contrário de alguns críticos daquele momento, Alceu Amoroso Lima foi um entusiasta do regionalismo, vendo neste um importante vetor de mudança e transformação da nossa literatura, como se pode perceber na sua crônica “Regionalismo”, publicada em 27/12/1925, n’*O Jornal*, na qual afirmou: “O regionalismo é a predominância da terra sobre o homem; da nação sobre o continente; da aldeia sobre a nação. É a pequena pátria raiz da grande pátria. É o contato do escritor com o solo. A literatura moderna é cada vez mais uma literatura de capitais. E por isso mesmo confundindo, muitas vezes, humanismo e cosmopolitismo; sacrificando o seu caráter nativo a uma prematura ou artificial ilusão de universalidade. E isso talvez por uma estreita visão de regionalismo, tomado muitas vezes como simples pitoresco de linguagem e de costumes. Quando o verdadeiro regionalismo não precisa sacrificar o humano, pelo fato de considerá-lo em função de suas raízes no solo natal”. (Lima, 1966, p. 1.039).

<sup>18</sup> Não foi possível compreender duas palavras, neste trecho.

<sup>19</sup> Neste trecho, uma palavra não foi identificada.

o *Lady Chatterley*<sup>20</sup>, num ensaio que é uma calorosa apologia da Igreja Católica, dizia: “[...]”<sup>21</sup>être capable d’employer les mots dits obscènes, parce que ceux-ci font intrigante de la conscience que l’esprit prend des corps”<sup>22</sup>.

Não sei se o francês está certo, mas o pensamento é este mesmo. Tenho a convicção de que não fui obsceno. Escrevi a vida de homens simples, os seus apanhos, as suas lutas, os seus desesperos. Tenho que me submeter à realidade falando de homens de carne e de osso e utilizei de sua língua, das suas maneiras, dos seus ódios e alegrias. Eu não poderia podar as errâncias e encobrir as fraquezas do meu povo. Criei-me na bagaceira do orgulho e nos meus livros me identifiquei bem, até a autobiografia com os meus [...]”<sup>23</sup>. Posso ter feito livros inferiores, mas estou certo que não menti, não exagerei nada para cortejar simpatias safadas. Se eles revoltam, é porque a vida que se leva por aqui só pode conduzir à revolta, ao desespero. Não me serviria de um material tão ligado a mim mesmo para um disparate literário. Desta miséria eu tenho a consciência liberta. E esta justiça você me faça.

Adeus, meu caro Tristão, e me perdoe esta estirada tão longa. É que tenho você em conta de um dos grandes do Brasil.

Adeus,

José Lins do Rego

José Lins do Rego  
Avenida da Paz, 1228  
Maceió

---

<sup>20</sup> Trata-se de *O amante de Lady Chatterley*, de autoria de David Herbert Lawrence, publicado em 1928. Este romance causou um imenso escândalo por conta de suas passagens de sexo explícito e alta pornografia, tendo chocado a sociedade inglesa da época.

<sup>21</sup> Não foi possível identificar este vocábulo.

<sup>22</sup> Pelo próprio comentário de José Lins, parece que há erros neste trecho. Entretanto, faço uma tradução aproximada aos termos apresentados nesta sua citação: “Ser capaz de empregar as palavras ditas obscenas, pois essas tornam intrigante a consciência de que o espírito se prende ao corpo”.

<sup>23</sup> No documento original há um rasgo, nesta localização, que me impediu fazer a devida transcrição.

[JLR – AAL]<sup>24</sup>

9 de fevereiro de 1942

Meu caro Tristão:  
Um grande abraço.

Não pode você saber o quanto me agradou o seu telegrama. Muito obrigado. Sempre o tive como um dos grandes do nosso Brasil e a sua opinião sobre a minha obra literária me encheu de uns mimos e alegrias.

Do seu amigo

José Lins do Rego

[AAL – JLR]<sup>25</sup>

30 de junho de 1952

Meu caro José Lins:

Esta é uma revista que acabamos de aqui lançar, em quatro idiomas, para levar a umas e outras nações alguma coisa do que do que se passa nelas de mais representativo em matéria cultural<sup>26</sup>. É uma tentativa de vencer as barreiras do desconhecimento literário

---

<sup>24</sup> Carta manuscrita em tinta preta, 1 folha branca, formato ofício, 15 cm X 22 cm. Estado de conservação: bom. Assinatura: “José Lins do Rego”.

<sup>25</sup> Carta datiloscrita em tinta preta, 1 folha branca, formato ofício, 15 cm X 22 cm. Estado de conservação: ótimo. Timbre: “ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS/Secretaria Geral / União Pan-americana / Washington D.C / EUA”. Assinatura: “Alceu Amoroso Lima”.

<sup>26</sup> Trata-se da revista *Panorama*, criada por Alceu Amoroso Lima, em 1951, quando ele chefiava o Departamento Cultural da União Pan-Americana, futuro embrião da UNESCO, entre 1950-1952. Em seu livro *Memórias Improvisadas*, o crítico fornece algumas informações acerca deste periódico: “Uma de minhas pequenas realizações fora precisamente o de várias peregrinações pelas numerosas universidades onde havia departamento de estudos latino-americanos. Propusemos mesmo um plano geral de cultura interamericana que publiquei como um dos meus ensaios, editados pela *Agir*. Lançamos também uma revista cultural interamericana a que demos o nome de *Panorama*, não só por exprimir nossa intenção de dar uma visão global da cultura continental, mas ainda por ser a mesma palavra nas quatro línguas da publicação, português, espanhol, inglês e francês. Os artigos eram selecionados de diferentes revistas continentais e publicados na sua língua original e precedidos de uma pequena bibliografia do autor”. (Lima, 1973, p. 315-316)

que nos separam aqui na América. Vale a pena continuar? É o que lhe pergunta de público, e o confirma em particular, o seu velho amigo e admirador

Alceu Amoroso Lima

Muito se pode especular criticamente acerca deste conjunto missivista ora apresentado. Tais cartas apresentam os ingredientes próprios da epistolografia: revelações pessoais, intenções críticas da criação literária, discordância do autor em relação à exegese feita pelo crítico literário, defesa da própria obra e de sua configuração original e a boa e velha amizade entre remetente e destinatário, que ajuda a manter o compromisso do intercâmbio epistolar.

Sabe-se que foi Jorge de Lima quem “apresentou” Zé Lins e Alceu, já que o autor da *Nega Fulô* forneceu o endereço do crítico carioca ao amigo paraibano. Alceu Amoroso Lima iniciou sua vida de crítico literário publicando o livro *Affonso Arinos*, em 1919, para logo ser convidado a integrar a equipe de *O Jornal*, no qual ele assinou a coluna “Vida Literária”, a mesma que Mário de Andrade se sentia obrigado a ler, todos os domingos, nas tardes da sua pauliceia. Aliás, o autor de *Macunaíma* dizia que “ler a coluna do Tristão é uma obrigação”, ainda que fosse para discordar, para falar mal, para se informar ou mesmo para se acompanhar a produção da moderna literatura brasileira<sup>27</sup>.

Certamente, eis uma das razões para se compreender a aproximação entre José Lins do Rego e Tristão de Athayde: ser lido pelo grande crítico literário da época, ter a sorte de ser analisado por ele num dos seus inúmeros textos publicados na imprensa, deixar um pouco o ambiente da província e aparecer na mídia impressa da então capital do Brasil, uma forma eficiente

---

<sup>27</sup> Sabe-se que Mário de Andrade acompanhou e se interessou pelas mais diferentes manifestações da nossa modernidade artística. A julgar pelo seu arquivo epistolar e, principalmente, pela sua biblioteca, Mário desenvolveu uma verdadeira cartografia modernista brasileira, já que recebeu cartas e livros dos mais diferentes escritores advindos dos mais diferentes locais do Brasil. Neste sentido, sua correspondência recíproca foi rica e buscou refletir lançamentos e autores daquele momento, buscando compreender a contribuição de cada um àquele momento literário, isso sem dizer no seu intenso trabalho crítico de divulgação de determinadas obras. Assim, o arquivo e a biblioteca de Mário de Andrade são complementares e sintomáticos para analisarmos o processo de recepção do polígrafo paulista à literatura então produzida, inclusive, da própria crítica literária, o caso de Alceu Amoroso Lima.

de “surgir” no cenário literário modernista. Tal movimento de aproximação de escritores ao crítico literário foi uma constante, com maior intensidade nas décadas de 20 e 30, período de afirmação do nosso modernismo, o que possibilitou a Alceu Amoroso Lima ter uma visão nacional de nossa literatura, seus altos e baixos, avanços e retrocessos, tradição e vanguarda se opondo ou até mesmo caminhando juntas, em alguns casos.

Mas trago Jorge de Lima e sua correspondência com Alceu, na qual José Lins do Rego aparece frequentemente e, às vezes, forma uma espécie de triângulo epistolar. Retiro alguns fragmentos:

“A imprensa daqui publicou alguma coisa a respeito de sua grande revista. Estive folheando o número do José Lins do Rêgo. Li também no *O Jornal* umas notas do Agripino”. (em 26/4/1929)

“Desejo receber notícias de você, meu amigo. José Lins do Rêgo seguiu para aí à semana passada levando os documentos sobre Proust de que falamos”. (em 22/8/1929)

Da parcela de Alceu a Jorge de Lima, Zé Lins é sempre citado, como nessas passagens:

“Fiz excelente amizade com o José Lins. Deixou-me a melhor das impressões, como talento, caráter, temperamento. Gostei muito dele. Se você lhe falar, lembre-lhe o artigo que me prometeu para a *Ordem* de dezembro”. (em 23/10/1929)

“E o José Lins? Nunca mais tive notícias dele e do seu prometido artigo sobre Lênin”. (em 18/12/1929)

“E o José Lins? Nunca me mandou umasó das linhas prometidas. Faça-lhe um bom sermão, para que apareça em nossas colunas”. (em 27/3/1930)

Ora, temos aqui as sempre lembradas redes de sociabilidade epistolar, algo tão comum na epistolografia e que sempre gerou bons frutos de relações, amizades, parcerias, desenvolvimento de projetos em comum, estreitamento de contatos, amenização das distâncias geográficas e a circulação da literatura.

Numa outra direção, quando José Lins escreve, na sua primeira carta “Não posso ficar sem a sua opinião. Não sei, apesar de tudo, meu caro

Tristão, se fiz mal em publicar o meu livro”, temos claramente a dimensão entre discípulo e mestre, outra dinâmica própria das trocas missivistas. Muito já se falou sobre essa complexa relação, e os exemplos recaem muito sobre Mário de Andrade, que foi mestre de uma série de novos escritores, com especial destaque a Pedro Nava, a Carlos Drummond de Andrade (que foi profundamente admoestado por Mário via cartas) e Fernando Sabino, que até teve o nome literário mudado de “Fernando Tavares Sabino” para “Fernando Sabino” por orientação expressa do autor de *Macunaíma*. Comentando a respeito dessa dimensão nem sempre harmoniosa entre remetente e destinatário, afirma Laura Taddei Brandini:

Isso pode parecer óbvio e antiquado, não há como não pensar em Flaubert, no século XIX, escrevendo, trabalhando e retrabalhando seu estilo como um artesão incansável. Mas, para um jovem que se inicia no metiê, não há lição mais preciosa do que a de ver o mestre trabalhando, pois nesse processo apreende-se mais do que uma técnica: é todo um ethos que é transmitido no cuidado com o registro das ideias, na atenção dada à escrita do texto, passado a limpo várias vezes à mão, depois à máquina de datilografia, até chegar ao estado definitivo. (Brandini, 2015, p. 14)

Em termos de idade, a diferença entre Alceu e José Lins não é tão grande, já que aquele nasceu em 1893 e este, em 1901. Todavia, a imensa diferença entre ambos é espiritual, é de formação e, de forma muito particular, o papel e o lugar ocupado por cada um aquando da troca missivista. No papel de exegeta literário respeitado, Alceu Amoroso Lima era visado e manter correspondência com ele era o desejo de muitos autores<sup>28</sup>. Esses e outros fatores levavam os literatos iniciantes a se aproximarem dele, acatando os seus conselhos e até discordando das suas análises críticas, porém nunca as ignorando.

Como ilustração e já abrindo um sintomático parêntese, chamo ao debate um outro importante paraibano – José Américo de Almeida – autor do célebre romance *A Bagaceira*, considerado o primeiro romance regionalista do nosso modernismo. Movido pelo desejo de ser “lido e

---

<sup>28</sup> Havia mesmo uma espécie de “fê” na práxis crítica amorosiana, como se percebe na dedicatória que o poeta Raul de Leoni escreveu na folha de rosto do seu livro *Luz Mediterrânea*, enviado a Alceu em novembro de 1922: “a Tristão de Athayde, / a quem entrego este livro / com tranquila confiança / na lealdade da sua nobre / crítica construtiva.” (Centro Alceu Amoroso Lima para a Liberdade, Biblioteca).

visto no sul do Brasil” (suas próprias palavras), escreve a Alceu Amoroso Lima para enviar-lhe um exemplar do seu novo livro. Eis a carta:

Tristão de Athayde:

Se nem mesmo a epopeia admirável de Euclides da Cunha pode ainda traduzir o “horror da realidade”, eu, bicho do mato, não alcançaria exprimi-lo. Mas senti-lo como ninguém.

No mais, invoco (em minha gíria forense) os doutos suplementos de sua crítica de adivinhão.

José Américo de Almeida

Paraíba do Norte, 1928<sup>29</sup>.

Semanas após o recebimento e atenta leitura d’*A Bagaceira*, Alceu publicou, em 11/3/1928, em *O Jornal*, a crônica “Uma revelação”, na qual apresentava o lançamento de José Américo de Almeida. Tratou-se de uma análise deveras apaixonada feita pelo crítico, ocupando aproximadamente  $\frac{3}{4}$  da página daquele periódico, fazendo inúmeras citações de fragmentos da obra, no sentido de corroborar as suas análises, deixando bem clara a sua admiração:

Pois esse livro é um romance da seca, e embora a considerando apenas em suas repercussões e não diretamente – talvez o grande romance do Nordeste pelo qual há tanto tempo eu esperava. Senão completo, ao menos intenso. [...] Nem apenas um romance social; nem apenas um romance de instintos, embora exagerando um pouco esta face em prejuízo daquela. Ambas as coisas, ao mesmo tempo, e ambas com tal originalidade, tal firmeza de traço, tal angústia de sentimentos profundos, bárbaros, primitivos, e ao mesmo tempo tal requinte de psicologia em recolher a cada passo gotas de verdade profunda, que acabei o livro sentindo que nascera realmente alguém para exprimir não apenas o horror do inexprimível daquela terra do Nordeste, mas um pouco de todo o homem brasileiro de hoje. E dizê-lo duramente, mas sem grosseria. Asperamente, mas sem brutalidade. Dizê-lo com o coração ferido e ao mesmo tempo com a alma apaixonada e uma inteligência extraordinariamente penetrante. [...] Há, portanto, nesse livro, a

---

<sup>29</sup> Esta pequena carta foi escrita na folha de rosto, em forma de dedicatória, do respectivo exemplar de *A Bagaceira* enviado a Alceu, que o leu e o refletiu criticamente em diversas crônicas publicadas na imprensa do seu tempo.

síntese em que eu vejo o que já pode haver de realmente nosso, de realmente novo em nossa arte literária: a inteligência e o instinto, a natureza bárbara da terra e dos homens do interior da terra, e a natureza civilizada, requintada do espírito que vai transformando essa terra, que se vai fundindo com ela e transfigurando-a para uma unidade futura. [...] (Lima, 1930, p. 138-140).

Não tardou a imprensa querer saber mais acerca do então autor desconhecido, que lançava um romance estranho e de uma realidade social e humana que não dialogava bem com o restante do país. Ou seja, quem era José Américo de Almeida? De onde vinha? Que tipo de literatura tão diferente produzia?

Tudo isso levou este romancista a escrever uma longa carta ao crítico, da qual retiro alguns parágrafos, na qual presta um verdadeiro tributo de agradecimento e de amizade em relação a Alceu Amoroso Lima:

Paraíba do Norte, 2 de abril de 1928<sup>30</sup>

Meu generoso confrade e amigo:

Acabo de receber a sua carta que é mais um documento de estímulo para o obscuro escritor provinciano.

Eu escrevi o romance *A Bagaceira* do nordeste e para o nordeste. Certo de que somente as sensibilidades impregnadas das mesmas impressões imediatas poderiam compreendê-lo. E por aqui não houve quem não o sentisse, porque todos estavam acostumados a observá-lo na realidade de nossa vida dramática. Posso dizer que cheguei a criar a crítica indígena: não faltou homem de imprensa que não viesse dar o seu juízo comprobatório.

Mas sempre me pareceu que no sul o ambiente físico e a paisagem social da tragédia seriam considerados falsos. É tudo tão diverso por aí!

E eu tinha medo também da incompreensão cultural: seria recusada minha arte bárbara que reage em fórmulas novas contra o academicismo pé de boi...

Mas – digo-lhe com a maior sinceridade – sempre confiei no seu extraordinário discernimento crítico e, principalmente, na orientação da sua inteligência brasileira que não se desvirtua e, antes, se define com mais vigor pelo grande conhecimento comparativo das literaturas estrangeiras.

---

<sup>30</sup> Carta manuscrita em tinta preta, 5 folhas brancas, formato ofício, 15 cm X 22 cm. Estado de conservação: bom. Assinatura: “José Américo”.

Crítica de adivinhão – foi o que lhe disse na dedicatória, porque vinha surpreendendo em seus estudos essa agudíssima penetração de quem sente toda a obra antes de compreendê-la. Crítica de adivinhão – repito agora, depois que me virou a alma pelo avesso. Basta-me, pois, ter sido revelado pelo mais prestigioso dos paraninfos. É tamanha [a] sua autoridade, que de toda parte me chegam pedidos do romance, de literatos, de pessoas desconhecidas e de livrarias. [...]

Retorno a José Lins do Rego...

Deste epistolário, considero mais importante a carta que Zé Lins enviou a Alceu no dia 4/2/1935, a qual pode ser inserida na noção sempre defendida de um “laboratório de ideias”, isto é, trata-se de uma carta ensaística, na qual o remetente expõe suas motivações e etapas do seu processo de criação do romance *O moleque Ricardo*. Interessante que Zé Lins tem uma postura diferente de outros jovens autores em relação a Alceu Amoroso Lima: é mais altivo, discorda claramente das interpretações do crítico e afirma que seus livros “Escrevo-os com impulsos, sem cálculos, sem plano estabelecido, sem interesse algum de gratidão”.

Fica claro também o imenso espaço entre a crítica praticada no sudeste e o ambiente nordestino: ambos são antagônicos; e o autor de *Banguê* tenta explicar ao crítico o que era o sertão e suas dinâmicas, seu universo próprio e as leis e movimentos que o (des)organizavam. Assim, a troca missivista serve para elucidar e iluminar o trabalho do exegeta literário, abrindo-lhe possibilidades de interpretação, explicando termos e o vocabulário local e suas idiossincrasias. O mais importante: a correspondência também se vê numa perspectiva de investigação antropológica, na qual José Lins do Rego (assim como José Américo de Almeida também o fez) esclarece acerca das particularidades humanas do sertão e, principalmente, do sertanejo, este tipo brasileiro então muito desconhecido de boa parcela dos outros brasileiros.

Mas a correspondência entre Alceu e Zé Lins também serviu para pôr em prática alguns projetos culturais em comum, organizados através de uma verdadeira rede de sociabilidade que a epistolografia sempre ajudou a fomentar. Peguemos a carta enviada por Alceu, em 30/6/1952, em sua passagem pelos EUA, na qual lança a proposta de intercâmbio a Zé Lins: “Esta é uma revista que acabamos de aqui lançar, em quatro

idiomas, para levar a umas e outras nações alguma coisa do que do que se passa nelas de mais representativo em matéria cultural”.

Ou seja, a correspondência atravessa fronteiras e integra planos comuns de internacionalização da literatura brasileira, abrindo espaço para a divulgação dos nossos escritores e sua produção em outros idiomas e culturas, alcançando sonhos e objetivos comuns a remetente e a destinatário.

## Conclusão

Acredito firmemente que não exista carta sem importância, afirmo isto pois muitos críticos costumam privilegiar as cartas maiores, densas, complexas e caudalosas, criando uma espécie de hierarquia epistolar de maior ou menor importância. Todas as missivas são importantes pois todas têm uma mensagem e foram escritas com uma intencionalidade, buscando alcançar algum tipo de objetivo caro ao seu remetente, tentando atingir o destinatário de alguma forma. Por isso, por menor que seja um epistolário, ele é necessário e deve ser levado em consideração, pois apenas o caráter dialógico da troca epistolar já é, em si próprio, um ato relevante.

Desta forma, as cartas trocadas entre José Lins do Rego e Alceu Amoroso Lima, aqui apresentadas em conjunto encontrado nos respectivos arquivos, ajudam a compreender um pouco mais a literatura brasileira, particularmente aquela parcela conhecida como o Romance de 30, com as todas as suas vicissitudes e particularidades. Tal fato se comprova, especialmente, por conta das importantes revelações críticas feitas por Zé Lins a Alceu, possibilitando-nos uma melhor compreensão das motivações criativas, dos porquês da sua criação literária.

Como Mário de Andrade muito bem advertiu Manuel Bandeira: “Carta de deveras carta é documento maior Manú, e matute bem nos que não conseguem escrever carta e muito menos sustentar uma correspondência”<sup>31</sup>. É isso: matutemos bem acerca do alcance e amplitude da troca missivista e de tudo que gira ao seu redor.

---

<sup>31</sup> Carta de 7/4/1928.

## Referências

- ARQUIVO JOSÉ LINS DO REGO. Fundação Espaço Cultural da Paraíba. João
- ARQUIVO TRISTÃO DE ATHAYDE. Centro Alceu Amoroso Lima para a Liberdade. Petrópolis, RJ.
- ATHAYDE, T. de. *Meio século de presença literária*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1969.
- BOPP, R. *Vida e morte da Antropofagia*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2006.
- BRANDINI, L. T. “Roland e Antoine”. In: COMPAGNON, Antoine. *A era das cartas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.
- COMPAGNON, A. *A era das cartas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.
- COUTINHO, A. “Introdução Geral”. In: LIMA, J. de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar Ltda, 1958.
- DIAZ, B. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade*. São Paulo: EDUSP, 2016.
- FERREIRA, X. A. *Histórias de meu avô Tristão – a biografia de Alceu Amoroso Lima*. São Paulo: Azulsol Editora, 2015.
- GUIMARÃES, J. C. *Contrapontos: notas sobre correspondência no modernismo*. Coleção Papéis Avulsos 47. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2004.
- HAROCHE-BOUZINAC, G. *Escritas epistolares*. São Paulo: EDUSP, 2016.
- HEMEROTECA NACIONAL. Biblioteca Nacional. [disponível on-line]
- ÍNDICE DA REVISTA A ORDEM (1921-1980). Salvador: Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro, 1987.
- KAUFMANN, V. *L'équivoque épistolaire*. Paris: Éditions de Minuit, 1990.
- LIMA, A. A. *A vida sobrenatural e o mundo moderno*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1956.

- LIMA, A. A. *Cartas do Pai – De Alceu Amoroso Lima para sua filha Madre Teresa*. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Sales, 2006.
- LIMA, A. A. *Companheiros de Viagem*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.
- LIMA, A. A. *Estudos – 3ª. série*. Rio de Janeiro: Edição de A Ordem, 1930.
- LIMA, A. A. *Estudos Literários* [Obra completa]. Rio de Janeiro: Companhia Aguilar Editora, 1966.
- LIMA, A. A. *Memorando dos 90*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984.
- LIMA, A. A. *Memórias Improvisadas*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- LIMA, A. A. *Notas para a história do Centro Dom Vital*. [Introdução e Organização de Riolando Azzi]. Rio de Janeiro: EDUCAM, 2001.
- LIMA, A. A. *O Crítico Literário*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1945.
- LIMA, A. A. *Obra Completa – Volume I*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1967.
- MORAES, M. A. de. *Orgulho de Jamais Aconselhar – A Epistolografia de Mário de Andrade*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2007.
- REGO, J. L. do. *Menino de engenho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.
- REGO, J. L. do. *O moleque Ricardo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- RILKE, R. M. *Cartas a um jovem poeta*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2019.
- ROCHA, T. *Modernismo & Regionalismo*. Maceió: Departamento Estadual de Cultura, 1964.
- RODRIGUES, L. G. (org.). *Correspondência Mário de Andrade & Alceu Amoroso Lima*. São Paulo: EDUSP/PUC-Rio, 2018.
- RODRIGUES, L. G. (org.). *Drummond & Alceu – Correspondência de Carlos Drummond de Andrade & Alceu Amoroso Lima*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- RODRIGUES, L. G. *Alceu Amoroso Lima – Cultura, Religião e Vida Literária*. São Paulo: EDUSP, 2012.

SANT'ANA, M. M. de. *Documentário do Modernismo*. Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 1978.

SANT'ANA, M. M. de. *Jorge de Lima entre o real e o imaginário*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1994.

SCHWARTZMAN, S. et alii. *Tempos de Capanema*. São Paulo: EDUSP/Paz e Terra, 1984.

TELES, G. M. *A escrituração da escrita*. Petrópolis: Vozes, 1996.

Data de submissão: 17/10/2023.

Data de aprovação: 18/10/2023.